

Bordas e espirais: uma TV no Capão¹

Thaís INÁCIO²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

A TV DOC Capão é uma iniciativa audiovisual que, inicialmente através da plataforma digital Youtube, pôde apresentar uma narrativa das bordas. Para André Luiz, jovem responsável pela fundação do projeto que neste momento envolve outros parceiros, a define como a “TV da Inclusão”. Para além dos estereótipos possíveis, tanto de “contra-discursividades”, como das “grandes mídias”, nossa abordagem procura percorrer o trabalho da TV DOC Capão nas suas relações com uma TV Comunitária que se estabelece no campo do digital, na produção, mas principalmente na circulação de suas programações.

Palavras-Chave:

Comunicação alternativa; TV comunitária, Tv Doc Capão.

¹ Trabalho apresentado no GT 8 – Comunicação Popular e Alternativa, do PENSACOM BRASIL 2016.

² Mestrando do Curso de Comunicação e Cultura da PPGCOM-UFRJ, email: thaisirs42@gmail.com.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

No Capão Redondo, território popular do São Paulo, conhecemos um projeto chamado TVDOC Capão. Este era o ano de 2013-14 e, portanto, havia uma reverberação que implodia “Junho”, mas que, ou a ultrapassava ou a antecedia. Peruzzo afirma que “É visível que as organizações populares passam a ser cada vez mais levadas em conta como interlocutoras coletivas, pelos órgãos públicos” (p. 59). Ciente desse papel, o trabalho de André Luiz Santos à frente do projeto procura “dar voz à comunidade” e estabelecer “espaço de resistência”³. Para nós, se aproximar de projetos como esse é assumir que o único lugar possível é a borda. Mas o que se apresenta, como um espiral, nos convoca e reivindica um lugar de passagem, de possibilidades. Nesta apresentação, procuraremos as singularidades da iniciativa, considerando que sua potência perpassa sua precariedade e resistência. Utilizamos a metodologia ANT, a partir de Bruno Latour, para determinar a rede sociotécnica que emana no projeto.

“Quando lavo o rosto pela manhã é como se tivesse tirado os pesadelos da noite mal dormida.
Como um pão e empurro com o café pelo estômago abaixo com raiva.
Ao pegar o prato do almoço, **ligo a TV e não estou mais sozinho**.
Depois vem o computador e vejo o mundo inteiro.
Ao desligar, a mesa e tudo em cima se torna inútil, ineficaz.
Pego a folha branca com vontade de preenchê-la.
Penso um pouco e sei que verdades e mentiras são questões de ponto de vista.
As palavras não são dignas de serem colocadas uma após a outra.
O café é amargo como o que penso da vida.
E mais uma vez não sei o que vivo e não sei o que penso.
A vida é externa, a guerra já começa em nós por dentro.
A paz é uma palavra muito curta para fazer efeito.
A sensação de ter asas não me agrada mais, quero rastejar. (...)”
(FÉRREZ, 2004, grifo nosso.)

Férrez dispensa apresentação desde que seu livro, *Capão Pecado*, lançado em 2000, de alguma forma, o tornou um dos autores mais conhecidos do que se pode chamar de “literatura marginal”. Talvez, uma das suas principais características esteja no fato de

³ Mais referências dessa entrevista em <https://www.facebook.com/tvdoccupao/>

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

trazer ao limite de fronteiras culturais, ou mesmo, as “bolhas” a que estamos formando ao interagir apenas com o conteúdo do ciberespaço que nos interessa, e que por consequência, nos oferta pares e opiniões similares às nossas, dadas à nos legitimar nas redes sociais que formamos. Em *Capão Pecado*, Férrez deu ao leitor um convite a rasgar essa bolha e dar a ver outros mundos, simultâneos e não tão distantes, sim, a favela. Por mais que este tema pareça desgastado, considerando todos os movimentos de autonarrativas que estão surgindo e mais que isso, se fortalecendo como mídia e canais de interesse e utilidade pública, nos anos 2000, Férrez teve certo pioneirismo dentro do Capão Redondo. Não nos cabe afirmar essa noção historiográfica do território, correndo o risco de abafar ações que possivelmente faziam parte de um contexto. Nesse desdobramento intenso que sabemos se multiplicar nos movimentos populares, Férrez é uma dos que trazemos aqui para pensar esse corte de tempo que salta entre 2000 e 2016. São 16 anos que separam essas dobras, Férrez e TV DOC Capão. Eles se encontraram, entre outras vezes, em um clube de leitura do Núcleo de Jovens Políticos. O tema do encontro era exatamente o livro *Capão Pecado*, obra que o tornou famoso e revogou vida ativa a periferia, para além dos prognósticos de violência e criminalidade. Ainda sim, em seu livro *Deus foi almoçar*, Férrez abriu caminhos que não se limitavam aos limites da favela. Sua atuação se ampliou quando nos 10 anos que foi colunista da revista *Caros Amigos*, além da Editora Literatura Marginal, onde é responsável pelo Selo Povo. Ainda procura atuar através da marca de roupa *1daSul*, advogando por uma “dignidade da Zona Sul.” No trecho que abrimos este artigo, grifamos a frase de Férrez, “ligo a TV e não estou mais sozinho.” Esta poesia, publicada em seu blog pessoal no ano de 2004 pode nos indicar aqui um pouco do papel que esta mídia tinha no cotidiano.

Uma década mais tarde, surge a TV DOC Capão. De acordo com o site *Periferia em Movimento*, “A TV DOC Capão é um coletivo de comunicação formado por jovens da região do Capão Redondo, Campo Limpo e Jardim Ângela, na zona Sul de São Paulo, e produz conteúdo audiovisual com artistas e militantes das quebradas, além de personalidades políticas.” Combinando um grupo heterogêneo de atores, a TV DOC traz em seu nome já um dissenso, mas se trata de televisão, documentário?

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

“Ainda assim, recebeu ajuda de uma professora de matemática, que o convidou para participar de um projeto de rádio da escola. Quando ela escreveu na lousa que ele seria o diretor, André mal acreditou. “Ela me deu confiança quando nem eu mesmo mais confiava em mim.” Ele se engajou na rádio: preparava a programação, “que nada mais era do que a gente contando umas piadas e umas músicas no intervalo”, mas também passava lustra-móvel nos equipamentos, limpava a sala e fazia locução quando faltava alguém.” (GARCIA, 2016.)

Em um dos vídeos mais famosos do “canal” no Youtube, o roteiro começa pela ficção. André é encorajado pelos colegas para ir ao encontro da então presidente Dilma. As noções da estrutura da televisão encontra algumas extensões no projeto. O estúdio da TV DOC é na casa de André, que segundo conta no documentário *Todo mapa tem um discurso*, o quarto anexo que se dedica às produções do grupo foi construído com a ajuda dos amigos.



(2014, crédito *Todo mapa tem um discurso*.)

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

A grafia pintada na parede que identifica o grupo “TV DOC Capão” acompanha outras frases mais filosóficas como “o amor existe?” , “Eu vou mudar minha realidade, e você?” e ainda, “Tudo muda.” Vê-se, inevitavelmente, uma fruição entre a experiência de André e o projeto. Assim também se mostra os registros do Férrez, “Gravando o doc, continuando o trabalho que faço todos os dias, não tem essa de personagem nem de ser autor de final de semana, o dia-a-dia é sempre na mesma batida.”⁴ Em Férrez, poesia e vida se avizinham, ao que parece, em suas diferenças e potencialidades.

“(…)A poesia poderia ser uma solução para a insanidade.
Mas o egoísmo do homem deixa a alma em segundo plano.
O estômago dói, e os dedos tocam as teclas rapidamente.
Tudo para dar sentido numa coisa chamada vida.
Entre os dentes e o resto, a boca toca a mão direita e não sente nada.
Entre sons e uma leve chuva, a coisa mais sem sentido é olhar a verdade.
Embora quisesse parar, agora sei que não se para o sangue.
E os dedos continuam a se movimentar, não para o prazer, e sim parar de sofrer.
Deixarei tudo aqui nesse papel.
E o quebra cabeça estará perdido quando não registrar as respostas.
Nada de mais, um retorno ao grande nada.
Frases que nos acompanham por toda uma caminhada.
E no final vou por um título nada criativo.
E ao parar vou voltar a me iludir.
Vivendo.” (FÉRREZ, 2004.)

O Capão Redondo é considerado, em termos oficiais, Campo Limp e M’Boi Mirim. André, como muitos jovens que produzem mídia alternativa em seu próprio território, concorda que o imaginário da palavra favela é bem mais pesado que o próprio cotidiano dos moradores. Se por um lado, inúmeros fatos e números como a taxa de mortes por assassinatos, segundo Pizzuto, uma média de dois casos por dia, por outro, o jovem destaca a monotonia das grandes narrativas, engendradas pelo medo e pelo reducionismo. Luiz argumenta em entrevista para a Revista Super que “o lado bom não aparece em lugar nenhum”, endossando uma série de iniciativas que implodem meios de

⁴ Post publicado em 22.11.15 em seu blog pessoal. Ver em: <http://ferrez.blogspot.com.br/>

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

comunicação que desejam “abrir espaço”, mais que lidar com essas “permissões” ou “oportunidades”, esses jovens, sempre atrelados às novas mídias e a socialidade que elas forjam, produzem, criam, literalmente, seus próprios lugares de falar, desde o discurso até a circulação dele. Neste processo, parece haver um conhecimento e acompanhamento que prorroga ações e estabelece uma linha contínua entre todos os atos que podem se dar desde a produção de um conteúdo até a publicação dele. Podemos dizer que, tais “pautas” surgem dentro do cotidiano de pessoas como o Luiz, que em alguns momentos se colocam

“Eu gostaria de me levantar”, anuncia André Luiz, estudante do segundo colegial, enquanto se ergue da cadeira. Com uma câmera de vídeo nas mãos, ele caminha lentamente em direção à presidente do Brasil, Dilma Rousseff. Na sala, estão outros 25 jovens, um de cada Estado brasileiro. Aquela era a primeira vez que André visitava Brasília e sua missão era representar São Paulo na cena dos jovens empreendedores do País. Enquanto André caminha, Dilma se levanta com a mão estendida e o semblante sério. Ele pede para outra pessoa continuar filmando, segura a mão da presidente com a direita e já embala em um abraço formal com a esquerda. Com a fala pausada, se apresenta: “Eu sou André Luiz da TV Doc Capão, a TV da inclusão”. Dilma parece perdida e é situada por André, “somos do Capão Redondo, a terra do [rapper Mano] Brown”, diz, contextualizando a região que fica na borda da zona sul de São Paulo. (PIZZUTO, 2016.)

Segundo Pizzuto, “A TV Doc é um canal do YouTube com uma grade semanal de três programas – entre eles, o Correndo Atrás de Quem Manda, que tenta arrancar compromissos de políticos e tomadores de decisão, para que tragam visibilidade para o Capão”, e se mostra integrado às demandas propostas pelas redes sociais.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016



Crédito Renato Pizzutto

Se, por inúmeras vezes estamos exaustos da hiperconectividade e “ultrainformatividade”, estabelecer canais alternativos de comunicação pode revigorar os apelos e lembrar que “A participação popular é um direito humano, um dever político e um instrumento essencial (...)” (p. 275). Para interagir, “é preciso haver comunicação, sem a qual não pode existir a participação, segundo Bordenave” (p. 283, *Ibidem*). O TVDOC Capão se mostra como uma dessas “ações de guerrilha”, realizadas à revelia. “As experiências mostram que a comunicação popular participativa dá seu aporte à edificação de uma cultura e uma educação democrática. [...]” Assim como André se refere à possibilidade de tomar a palavra, Peruzzo recorre à mesma “imagem”: “Dá voz, pela própria voz, a quem era considerado “sem voz””. (p.302, *Ibidem*). O fator preponderante nos parece estar exatamente na narrativa de si mesmo que é possível quando assumo o território de onde venho e legítimo o que posso surgir a partir de mim mesmo e dos que me rodeiam. Certa vez, em uma discussão sobre publicidade alternativa (sempre nos perguntando se esse é um conceito possível, e esperando que seja), ouvimos uma estratégia que, a seu modo, poderia definir a relação grande imprensa versus mídia alternativa. O senhor que falava comparou a internet e a TV, argumentando que a ambas anunciam discretamente ações conjuntas e que, engana-se

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

quem as vê como concorrentes. “E, se é verdade que os instrumentos massivos chegaram hoje a um grau de desenvolvimento sem igual, também os meios comunitários locais e regionais vêm ganhando espaços em muitos países” (p.300). A experiência do TVDOC problematizando a noção de protagonismo em uma mídia que emana um circuito “endurecido de comunicação”. Na foto abaixo, como escolhemos terminar, por hora, acompanhamos o “amadorismo” de uma “TV (ou seria Youtube?) alternativa”, em sua latência de práticas que refaz o lugar de fala em cada um que produz e, ao mesmo tempo, dimensiona uma nova esfera.



Crédito Divulgação FanPage TV DOC Capão⁵

⁵ Acesso em 11/11/2016. Disponível em
<<https://www.facebook.com/tvdoccapao/photos/a.549151501779890.135700.523691267659247/1414016098626755/?type=1&theater>>

REFERÊNCIAS

FÉRREZ. Blog. Disponível em < <http://ferrez.blogspot.com.br/> > Acesso em 29/11/2016.

_____. *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto, 2000.

GARCIA, Natália. *Luz, câmera, Capão*. Revista Super Interessante. 2016. Disponível em <<http://super.abril.com.br/sociedade/luz-camera-capao/>>. Acesso em 28/11/2016.

PERUZZO, Círcia. *Comunicação nos Movimentos Populares: A participação na construção da cidadania*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1998.

SANTOS, Maria Aparecida Costa dos. Férrez: O rapper da literatura. Disponível em < http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/11527.pdf >. Acesso em 27/11/2016.

SODRÉ, Muniz. *Atropológica do Espelho - uma teoria da comunicação linear em rede*. Ed. Vozes, Petrópolis. 2002.

CAPÃO, TVDOC. Site, Disponível em <<https://www.facebook.com/tvdoccapao>>. Acesso em 28/10/2016.